

MICHEL PÊCHEUX E MICHEL FOUCAULT: DIÁLOGOS TRANSVERSOS SOBRE FORMAÇÃO DISCURSIVA

Claudia Rejanne Pinheiro GRANGEIRO*

RESUMO: *Uma das questões mais relevantes no escopo da chamada Análise do Discurso Francesa talvez seja a noção de “formação discursiva”, visto que esta se relaciona diretamente com a problemática do Sujeito, um dos temas sempre pulsantes nas ciências humanas. Partindo desse pressuposto, o presente trabalho tem como objetivo discutir a noção de formação discursiva pela via de um cotejo entre as abordagens de dois teóricos basilares dessa disciplina. Para Foucault (1997), os discursos são uma dispersão, ou seja, são formados por elementos que não estão ligados por nenhum princípio de unidade, a priori, mas cujas regularidades são passíveis de descrição. Para ele, “sempre que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão e se puder definir uma regularidade entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, teremos uma formação discursiva” (1997, p. 43). Assim, quando Pêcheux traz para a AD a noção de formação discursiva, faz as adaptações, relacionando tal conceito à questão da ideologia e da luta de classes, o que o leva a defini-la como “aquilo que, numa conjuntura dada, determina pelo estado de luta de classes, o que pode e deve ser dito” (Pêcheux, 1980, p. 78).*

Palavras-chave: discurso; formação discursiva; ideologia.

(...) Chame nomerasgue o verbo
somos todosfiguras de linguagem
(Flora Fonteles)

Introdução

Uma das questões mais relevantes no escopo da chamada Análise do Discurso de linha francesa talvez seja a noção de “formação discursiva”, visto que esta se relaciona diretamente com a problemática do Sujeito, um dos temas sempre pulsantes nas ciências humanas. Partindo desse pressuposto, o presente trabalho tem como objetivo discutir a noção de formação discursiva pela via de um cotejo entre as abordagens de dois teóricos basilares dessa

* Professora do Departamento de Línguas e Literaturas da Universidade Regional do Cariri. claudiarejanne@yahoo.com.br

disciplina: Michel Pêcheux, como um dos seus fundadores e Michel Foucault, cujas elaborações, como uma “flecha no coração do presente”¹ contribuíram muito significativamente para esse campo do saber, no sentido de pensar a relação entre o discurso, o Sujeito, o Poder e a História.

Tais diálogos nem sempre foram tranquilos, perenes, ao contrário, surgiram no bojo de um caldeirão cultural fervente, num momento de fissuras, de profundos questionamentos, deslocamentos, em que tanto as aproximações quanto os distanciamentos não poderiam deixar de ser esquivos, transversos.

Discurso e formação discursiva em Foucault

A formulação do conceito de formação discursiva em Foucault está desenvolvida, principalmente na *Arqueologia do Saber*, publicado em 1969. Em trabalhos anteriores, como a *História da Loucura* e o *Nascimento da Clínica*, ele já havia analisado os mecanismos de constituição do saber da medicina e da loucura. Em *As Palavras e as coisas*, Foucault analisa a mudança dos saberes da época clássica para a época moderna (passagem do século XVIII ao século XIX) com relação aos temas da vida, do trabalho e da linguagem. Através dessa análise, ele aponta as relações entre dizer e fazer. Distanciando-se, tanto da idéia de que a palavra é a coisa quanto da concepção platônica de linguagem como representação, Foucault defende que a palavra institui a coisa, ou seja, se a linguagem se coloca em movimento pelos discursos, então, são esses discursos que instituem os objetos de que falamos; é a discursivização, o falar sobre que constitui o “referente”. Assim sendo, ele não procede a sua análise partindo do sujeito ou do objeto porque, para ele, esses elementos não existem a priori. Eles só vão existir a partir do momento em que forem constituídos por uma prática dentro de uma sociedade, como por exemplo, o corpo. Na Idade Média, o corpo do homem não era visto da mesma forma que no século VIII, pelo fato de encontrar-se aquele momento histórico bastante determinado pelo teocentrismo, pelas superstições, etc., diferentemente do século VIII em que, com a descoberta da patologia, o corpo passa a ser visto como um conjunto de órgãos e a Medicina passa a discursivizá-lo, a fabricar práticas/dizeres sobre ele.

Esses diferentes saberes nasceram, pois, de práticas, de formas de organização. O que se conclui daí é que o próprio sujeito é uma posição discursiva, uma função dos discursos. Para Foucault, “somos seres de linguagem e não seres que possuem linguagem” (FOUCAULT, 2000, p. 20-21).

É nessa perspectiva de abordagem em que se inserem as idéias desenvolvidas na *Arqueologia do Saber*, as quais, a princípio, constituiriam o

¹ Título do V Seminário de Pesquisa em Análise do Discurso da UNESP/FCL Araraquara coordenado pela Profa. Dra. Maria do Rosário Gregolin com a colaboração do GEADA (Grupo de Estudos de Análise do Discurso de Araraquara) nos dias 18 e 19 de agosto de 2004, por ocasião dos 20 anos da morte de Michel Foucault.

prefácio de *As palavras e as coisas*. Segundo Gregolin (2003, p. 27), a Arqueologia do saber é um livro de caráter teórico-metodológico, em que o autor reflete sobre seus trabalhos anteriores e sistematiza uma série de conceitos basilares para a abordagem do discurso. Sua preocupação fundamental, nesse momento, é a de analisar as condições de possibilidade dos discursos. Assim, para a construção do conceito de formação discursiva, Foucault vai operar construindo os conceitos pela negativa, tendo sempre em vista seu objetivo de descrever os mecanismos de constituição das “ciências do homem”. Interessava-lhe, pois, saber o que são esses domínios, essas massas enigmáticas que chamamos a Medicina, a Gramática, a Economia política, etc.

É, pois, da colocação de tais questões que se origina o conceito de formação discursiva de Foucault (1997). Para ele, os discursos são uma dispersão, ou seja, são formados por elementos que não estão ligados por nenhum princípio de unidade a priori, cabendo à Análise do Discurso descrever essa dispersão, buscando as “regras de formação” que regem a formação dos discursos. Assim, para o autor, “sempre que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão e se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições, funcionamentos, transformações) entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, teremos uma formação discursiva” (1997, p. 43). Em Foucault, as regras que determinam uma formação discursiva apresentam-se, pois, como um sistema de relações entre objetos, tipos enunciativos, conceitos e estratégias. Todos esse elementos caracterizam a formação discursiva em sua singularidade, possibilitando a passagem da dispersão para a regularidade.²

Foucault e Pecheux: diálogos transversos

A década de 60 foi um momento de grandes debates teóricos no escopo das ciências humanas e o auge da chamada “crise do paradigma marxista”. Nesse momento, começaram a vir à tona as denúncias dos opositores do regime que se instalou na URSS após a morte de Lênin. Notícias de Moscou assombravam o mundo, por conta dos famosos “expurgos stalinistas”. A mão de ferro da perseguição aos antigos líderes da revolução, os *gulags*, etc, lançaram profundos questionamentos na esquerda em nível mundial. Michel Pêcheux pertencia ao Partido Comunista Francês e estivera ligado ao “grupo em torno de Althusser”, influente filósofo do marxismo francês, antes do trágico desfecho de sua vida pessoal.

Althusser opera uma releitura de Marx, no tocante à questão da ideologia, concebida em Marx como “falsa consciência”. Na primeira parte de

² Na Arqueologia do Saber, a colocação do conceito de formação discursiva aí não se esgota. Ele vai, em seguida, esmiuçar cada um desses elementos componentes da noção de f.d: formação dos objetos, das modalidades enunciativas, dos conceitos, das estratégias, etc.

Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado (1974), Althusser afirma que, numa sociedade de classes, para manter a sua dominação, a classe dominante gera mecanismos de perpetuação ou de reprodução das condições materiais, ideológicas e políticas de exploração. Essa dominação se efetiva, pois, através de dois mecanismos, os quais, em síntese, dizem respeito aos mecanismos de operação da ideologia: a) os ARE (Aparelhos Repressivos do Estado) – o Exército, a Polícia, a Justiça, etc., e os AIE (Aparelhos Ideológicos do Estado) – a Igreja, a família, a Escola, etc. Para a descrição do funcionamento da ideologia, Althusser (Op, Cit) formula três postulados:

- a) A ideologia representa a relação imaginária de indivíduos com suas reais condições de existência;
- b) A ideologia tem uma existência porque existe sempre num aparelho e na sua prática ou suas práticas e
- c) A ideologia interpela os indivíduos como sujeitos.

Assim, para Althusser, “a ideologia exprime sempre, seja qual for a sua forma (religiosa, jurídica, política) posições de classe” (p.23).

Foi, portanto, com base na concepção althusseriana de ideologia que Pêcheux elaborou a sua teoria do discurso. Entretanto, em vários dos seus textos, Michel Pêcheux afirma que o conceito de formação discursiva com o qual trabalha é emprestado de Foucault. No entanto, essa transposição não ocorre, de forma linear, tranqüila e contínua, visto que Foucault estabelecia as relações entre os dizeres e os fazeres, apontando para a não-autonomia das práticas discursivas. Foucault não trabalhava com as questões de luta de classes e ideologia na mesma perspectiva do marxismo. Para o marxismo, o motor da história é a luta de classes³, cujos embates vão ocorrendo num processo contínuo até ocorrer uma revolução, que promoveria uma ruptura na estrutura da sociedade, cujo resultado último seria o desaparecimento da classe dominante enquanto tal. Para Marx, a construção de uma sociedade comunista (sociedade sem classes, portanto, sem exploração do homem pelo homem) seria o grande desafio (fim) histórico da classe trabalhadora.⁴ Foucault, por sua vez, contesta essa concepção de história como continuidade, discorda da idéia de ruptura, concebendo a idéia de acontecimento histórico não como “ruptura”, mas como “irrupção”. Ao invés de ideologia, ele trabalha com a constituição de saberes/poderes, os quais, segundo ele, não passariam necessariamente pela questão das classes sociais e não estariam

³ “A história, desde o início até os nossos dias tem sido a história da luta de classe.” MARX, K. & ENGELS, F. **Manifesto comunista**. São Paulo: Boitempo, 1998.

⁴ Obviamente, essa é uma simplificação, a grosso modo, da teoria marxista da história e da luta de classes com todos os problemas que qualquer simplificação implica.

necessariamente determinados, nem mesmo em “última instância” pelos fatores econômicos. Para Foucault, para a determinação dos processos históricos justapõem-se elementos tanto de ordem econômica, como sociais, políticas, culturais, etc, não concorrendo, pois, necessariamente, o primado do fator econômico.

Assim, Foucault concebe as formações discursivas não em termos de ideologia, termo profundamente marcado historicamente pelo viés marxista de posições no tocante à luta de classes, mas em termos de saberes/poderes.

Tal perspectiva foucaultina era contestada pelos marxistas althusserianos. Dominique Lecourt, por exemplo, em *Sur l'archéologie du savoir. A propos de Michel Foucault* critica Foucault no tocante ao que chama de “pontos de fuga”⁵ acusando-o de desenvolver um discurso paralelo.⁶

Assim, é somente considerando esse contexto epistemológico, teórico e político tenso, que se torna possível compreender as questões mais profundas que estavam na base das diferenças em torno da questão da formação discursiva entre um autor e o outro. Nesse sentido, quando Pêcheux traz para a AD a noção de formação discursiva, ele faz as readaptações relacionando tal conceito à questão da ideologia e da luta de classes. Tratava-se, segundo o próprio Pêcheux de extrair da noção de Foucault o que “ela tinha de materialista e revolucionária”⁷, justamente a concepção foucaultiana de discurso como prática. Já em Pêcheux, a formação discursiva é definida como:

Aquilo que, numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc. (PÊCHEUX, 2000, p. 9).

Aqui, são bastante perceptíveis duas bases epistemológicas fundamentais na teoria de Michel Pêcheux: por um lado, a necessidade de pertencimento às teses althusserianas de luta de classes e ideologia, e por outro, a perspectiva de fulcro na Lingüística, onde se acentua a questão dos gêneros do discurso e da materialidade lingüística⁸

Ainda com relação à formação discursiva em Pêcheux, o que se observa é uma profunda reelaboração das teses althusserianas, principalmente no que

⁵ LECOURT, D. Sur l'archéologie du savoir. A propos de Michel Foucault. La pensée, n 152, 1970.

⁶ Leia-se “pontos de fuga” e “discurso paralelo” em relação ao marxismo do qual Foucault se distancia no tocante às questões do tipo sujeito, continuidade, ruptura, motor da história, etc.

⁷ PÊCHEUX, M. **Remontemos de Foucault a Spinoza**. Trad. Brasileira de GREGOLIN, M.R.V, mimeo.

⁸ Aqui são possíveis duas aproximações teóricas que não serão objeto deste trabalho: Mikail Bakhtin, com a questão dos gêneros do discurso e Roger Chartier com a questão da materialidade do discurso.

diz respeito à interpelação do sujeito pela ideologia. Em *Les Verités de la Palice*⁹, (1975), Pêcheux coloca a problemática da teoria materialista dos processos discursivos sob o signo das condições ideológicas de reprodução/transformação das relações de produção. Ao acentuar a questão da transformação, ele está apontando claramente uma perspectiva de afastamento de possíveis interpretações funcionalistas do texto authusseriano, no sentido da não-univocidade da f.d, apontando para a sua heterogeneidade.

No trabalho apresentado em um Simpósio no México sobre o discurso político, em 1977, e publicado em 1978, *Remontemos de Foucault a Spinoza*, Pêcheux rediscute a noção de ideologia, abrindo espaço para a questão das fronteiras maleáveis da formação discursiva. Para Pêcheux:

Naquilo que concerne à ideologia, corresponde ao fato de que os aparelhos ideológicos do estado são, por sua própria natureza plurais: eles não formam um bloco ou uma lista homogênea, mas existem dentro de relações de contradição-desigualdade-subordinação tais que suas propriedades regionais (sua especialização... nos domínios da religião, do conhecimento, da moral, do direito, da política, etc) contribuem desigualmente para o desenvolvimento da luta ideológica entre as duas classes antagonistas, intervindo desigualmente na reprodução ou na transformação das condições de produção. Pêcheux (1995, p. 78).

Pêcheux opera, pois, com a categoria marxista da contradição dos “dois mundos em um só”, de que “o germen do novo está dentro do velho”, ou na reformulação de Lênin: “o um se divide em dois”, o que significa que “uma ideologia não é idêntica a si mesma, ela só existe sob a modalidade da divisão, e não se realiza a não ser na contradição que com ela organiza a unidade e a luta dos contrários” Pêcheux (2000, p. 11).

Isso quer dizer que a f.d é uma unidade dividida, a qual, embora seja passível de descrição por suas regras de formação, por suas regularidades, ela não é una, mas heterogênea, não de forma acidental, mas constitutiva. Assim, no interior de uma mesma f.d. coabitam vozes dissonantes que se cruzam, entrecruzam, dialogam, opõem-se, aproximam-se, divergem, existindo, pois, espaço para a divergência, para as diferenças, pois uma f.d é “constitutivamente freqüentada por seu outro” (PÊCHEUX, 1995, p. 79).

Esse “outro” da formação discursiva é justamente o interdiscurso, noção profundamente importante no escopo da AD, visto estar relacionada com outras questões cardeais, tais como: a memória discursiva, que aprofunda a relação da linguagem com os processos sócio-históricos; a relação do interdiscurso com o intradiscurso, a posição do sujeito do/no discurso, a questão da não-evidência do sentido e diversas outras.

⁹ PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

Conclusão

No cotejo entre as concepções de formação discursiva de duas das pilstras da chamada Análise do Discurso francesa observamos que, no caso de Michel Foucault, é comum encontrar críticas a este pensador por parte de alguns lingüistas de que, pelo fato de ele não ser lingüista, não teria muito a dizer sobre as questões da materialidade lingüística, etc. Nada mais equivocado. Embora os objetivos do filósofo não estivessem diretamente ligados às questões da lingüística, visto que suas preocupações giravam em torno de questões mais amplas, o que se percebe é que, principalmente na Arqueologia do Saber, ao discutir a questão do enunciado e relacionar tal questão às noções do arquivo, da prática discursiva e, ao propor uma concepção de Formação discursiva numa perspectiva de descontinuidade e dispersão, apontando, no entanto, a possibilidade concreta de se encontrar regularidades nessa dispersão, Foucault toca diretamente nas questões mais pertinentes da lingüística do discurso, como por exemplo, a posição do Sujeito da/na f.d.

Tanto assim o é que o próprio Pêcheux vai trabalhar com base na sua formulação, guardando, necessariamente, as devidas diferenças epistemológicas, as quais envolviam constitutivamente as questões histórico-políticas.

No que diz respeito a Michel Pêcheux, o que se percebe ao longo dos seus textos, é um lento e paulatino deslocamento das teses althusserianas. Na verdade, Pêcheux nunca abandonou a tese da interpelação do sujeito pela ideologia, nem a categoria inerente a esta concepção que é a categoria marxista da luta de classes. No entanto, ao apontar para a perspectiva do não-fechamento da f.d, do atravessamento da formação discursiva pelo outro e de todas as questões pertinentes às questões da interdiscursividade, Pêcheux abre um imenso leque de possibilidades para a Análise do Discurso.

Uma das questões que julgamos pertinentes e atuais para a AD trata-se da noção de ideologia. Considerando que as fronteiras da f.d não são fixas, como poderíamos pensar as questões da dominação ideológica, hoje, quando o conceito de classes sociais é tremendamente questionado? Na sociedade contemporânea, denominado por alguns de "pós-moderna", com as suas "línguas de vento" e suas "línguas de madeira", com a anúnciação do fim de várias coisas tais como a luta de classes, da história, as ideologias, como a Análise do Discurso pode trabalhar o conceito de ideologia? Ele deve ser abandonado ou reelaborado em outras bases?

Acreditamos que qualquer trabalho sério em qualquer campo de pesquisa deve voltar-se continuamente para as suas bases epistemológicas no sentido de uma constante interrogação, como dizia Michel Pêcheux, de "suas questões imperdoáveis".

GRANGEIRO, C. R. P. MICHEL PÊCHEUX AND MICHEL FOUCAULT: TRANSVERTIAL DIALOGUE ON DISCURSIVE FORMATION

ABSTRACT: *This paper aims at reflecting on a relevant question in French Discourse Analysis – the notion of “Discursive Formation” – once it is straightly concerned to the reflection on Subject. Thus, this paper aims at discussing such notion under these two theoretical exponents. Foucault (1997) considers discourse as a sort of dispersion, that is to say, it is composed by elements conceived without a principle of unit; on the contrary, its regularities are describable. He says “even we can describe, among some utterances, a similar system of dispersion and if it could be possible to define a regularity among such objects, types of enunciation, concepts, thematic choices, this is a discursive formation” (1997, p. 43). On the other hand, when Pêcheux brings such notion back, he readapts it, concerning such notion to the question of ideology and class struggle, conceiving it as “a thing that, in a given circumstance determined by class struggle, defines what can be told or what must be told (Pêcheux, 1980, p. 78).*

Keywords: discourse; discursive formation; ideology.

Referências Bibliográficas

- ALTHUSSER, L. Aparelhos ideológicos do estado. Lisboa: Presença, 1974.
- BAKHTIN, M. Gêneros do discurso. In: Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1992, cap. pp 279/326.
- FOUCAULT, M. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- _____. As palavras e as coisas. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- GREGOLIN, M. R. Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003.
- _____. Michel Foucault: o discurso nas tramas da História. In: FERNANDES, C. A. & SANTOS, J. B. C. Teorias lingüísticas: problemáticas contemporâneas. Uberlândia: EDUFU, 2003.
- GRANGEIRO, C. R. P. O discurso religioso na literatura de cordel de Juazeiro do Norte. Crato: A Província Edições, 2002.
- LECOURT, D. Sur l'archéologie du savoir. A propos de Michel Foucault. La pensée, n 152, 1970.

MALDIDIER, D. A inquietação do discurso. Re (ler) Michel Pêcheux hoje. Campinas: Pontes, 2003.

MARX, K. & ENGELS, F. Manifesto comunista. São Paulo: Boitempo, 1998.

PÊCHEUX, M. Semântica e Discurso - uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas, Editora da Unicamp, 1995.

_____. Remontemos de Foucault a Spinoza. Trad. Maria do Rosário V. Gregolin, mimeo, 2000.